Mário Ferreira dos Santos

Diálogo sobre as Cruzadas e outros inéditos

coleção inéditos Mário Ferreira dos Santos

FILOCALIA

coleção
inéditos

Mário Ferreira dos Santos

Editor
Edson Manoel de Oliveira Filho

Coordenador da Coleção Inéditos
Mário Ferreira dos Santos
João Cezar de Castro Rocha

Produção editorial
Editora Filocalia

Revisão
André Gomes Quirino

Diagramação e finalização
Nine Design | Mauricio Nisi Gonçalves

Mário Ferreira dos Santos

ELOCALIA

Diálogo sobre as Cruzadas e outros inéditos

Copyright © 2010 by Nadiejda Santos Nunes Galvão e Yolanda Lhullier dos Santos

Copyright da edição brasileira
© 2020 Editora Filocalia

Editora Filocalia Ltda.
Rua França Pinto, 509
04016-032 São Paulo, SP
Telefone: (5511) 5572 5363
atendimento@filocalia.com.br
www.editorafilocalia.com.br

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja

ela eletrônica ou mecânica,
fotocópia, gravação ou
qualquer outro meio de
reprodução, sem permissão
expressa do editor.

Este livro foi impresso pela Gráfica
Ipsis, em novembro de 2020. Os
tipos são da família Rotis Serif Std
e Rotis Semi Sans Std. O papel do
miolo é Pólen Soft 80 g, e a capa,
Masterblank linho 270 g.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S237d

Santos, Mário Ferreira dos
Diálogo sobre as Cruzadas e outros inéditos / Mário Ferreira dos Santos. - São Paulo, SP : Editora Filocalia, 2020.
128 p. ; 5,5cm x 7,5cm.
Inclui índice
ISBN: 978-65-88143-08-7
1. Filosofia. 2. Cruzadas. I. Título.
2020-2767 CDD 100
CDU 1

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia 100
2. Filosofia 1

Sumário

9
Prefácio
O Filósofo e o Mundo
Por João Cezar de Castro Rocha

27
Diálogo sobre as Cruzadas

57
Aos Homens de Boa Vontade

75
A Juventude à Procura de um Ideal

121
Índice Analítico

125
Índice Onomástico

O Filósofo e o Mundo

João Cezar de Castro Rocha

Atar as pontas

O leitor que concluiu a travessia das 327 teses de *Filosofia*

Concreta (1957) não pode senão deslumbrar-se com a força da ambição de Mário Ferreira dos Santos: trata-se nada menos do que projetar o edifício de uma filosofia apodítica, resgatando a Metafísica por meio do

estabelecimento de um
elo inextricável entre
lógica e ontologia.
Não é tudo.
À ambição do
projeto corresponde,
na escrita da obra, uma
incomum capacidade
de abstração, necessária
ao esforço de

matematização da filo-
sofia, ou, dito de outro
modo, indispensável
ao projeto de produzir
uma metafilosofia, cujos
pressupostos primeiros
equivalessem à formu-
lação de axiomas.

Nesse contexto, um
comentador apressado

talvez fosse levado
a cometer um erro
grosseiro, qual seja,
imaginar que o autor
de *Análise Dialética do*
Marxismo (1953) pouco
se preocupou com as
vicissitudes do presente,
simplesmente ignorando
questões mais urgentes

e imediatas, como se as alturas de sua especulação desfavorecessem o contato com a realidade chã do dia a dia.

Ora, a mera consulta ao estudo sobre o marxismo demonstra a estultice do juízo:

publicado em novembro

de 1953, Mário le-
vantou hipóteses, que
posteriormente se
revelaram corretas,
sobre as circunstâncias,
à época obscuras, da
morte de Josef Stalin,
ocorrida em março do
mesmo ano. No calor
da hora, portanto, o

filósofo propôs uma análise decadialética do marxismo, levando em consideração a política soviética e seus tortuosos caminhos.

Os três textos inéditos que compõem este pequeno livro apontam justamente para uma

dimensão que jamais esteve ausente do tra-balho do pensador: a concretude das relações políticas e econômicas.

O primeiro en-saio, "Diálogo sobre as Cruzadas", escrutina o movimento que, do século XI ao século

XV, galvanizou parte representativa da cristandade, alterando profundamente a história mundial. Mário foi cristalino: "as Cruzadas nada mais foram do que um movimento provocado por interesses de ordem puramente

material". Na sequência do texto, esses interesses são esmiuçados e a posição do autor é reiterada: "poucos movimentos na história possuem uma característica material tão clara como no caso das Cruzadas".

Os dois artigos que completam este volume, "Aos homens de boa vontade" e "A juventude à procura de um ideal", concentram o olhar no Brasil que foi contemporâneo ao filósofo. Nos dois textos, a boa condução da pólis depende

tanto da cooperação dos cidadãos quanto da formação da juventude. Educação e ação política revelam-se duas faces da mesma moeda, evidenciando a preocupação do filósofo com a concretude dos problemas brasileiros.

Aquilata-se, assim, e com propriedade crítica, o verdadeiro valor da personalidade plural de Mário Ferreira dos Santos. Merece destaque o trânsito fecundo da especulação, com alto nível de abstração, ao estudo atento às

circunstâncias particu-
lares de constelações
históricas determinadas.
Essa é a tarefa da
reedição dos títulos e
da preparação de inédi-
tos do filósofo: escla-
recer a riqueza de sua
contribuição e a vasti-
dão de sua perspectiva.

A organização criteriosa do Arquivo Mário Ferreira dos Santos / É Realizações Editora desempenha um papel decisivo nessa iniciativa, tanto por favorecer a reedição crítica dos títulos do pensador quanto por permitir a

publicação de inéditos,
como os ensaios deste
pequeno volume.

Diálogo sobre as Cruzadas

Tu me disses-
te outro dia que as
Cruzadas eram um
grande argumento
contra o materialismo

histórico. Dizias que as Cruzadas foram somente um movimento de caráter religioso, pois as causas que o determinaram foram exclusivamente religiosas. Eu logo aleguei que estavas sobejamente errado. Riste de

mim e, com afetadís-
sima superioridade,
repetiste que assim era.
Resolvi, por isso, juntar
elementos, dados,
provas, para te afirmar,
melhor, para te provar
que realmente as Cru-
zadas nada mais foram
do que um movimento

provocado por interes-
ses de ordem puramen-
te material.

Vejamos:

Logo após o século
sétimo o cristianis-
mo perdia terreno no
mundo, enquanto o islã
avançava, dominando
a África, quase toda a

Ásia e mesmo parte da Europa. Posteriormente, nasceu o movimento das Cruzadas. Muito embora se conte a história de que o movimento foi provocado exclusiva-mente pela fé religiosa, que levantou as multi-dões no piedoso intuito

de libertar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis, causas muito diferentes foram mais decisivas na determinação desse grande movimento. Sem dúvida, houve milhares que foram impulsionados somente pelo propósito

de realizar a libertação
da Terra Santa e por isso
se juntaram às Cruzadas.
Porém, a maioria foi ar-
rastada pelos desejos da
pilhagem, da chacina,
do roubo, do massacre.
E aquela parte aparen-
temente arrastada pela
ânsia religiosa também

tinha uma motivação econômica, o que fez pender o fio da balança. Não houve no grande lançamento do movimento das Cruzadas uma falta de ordem, de finalidade. O movimento, pelo contrário, obedeceu a um grande

plano que ia muito além do aparente motivo religioso de conquistar a Terra Santa das mãos dos infiéis. Na verdade, uma finalidade exclusivamente econômica determinou o movimento.

Os peregrinos que formaram os primeiros

cruzados eram homens sequiosos de aventuras. E não encontrariam as Cruzadas muitos homens interessados na conquista da Ásia e da África, isto é, interessados no estabelecimento de novas rotas comerciais? Ademais, eram

homens que tinham as mentes povoadas pela imaginação das riquezas imensas do Oriente, elemento decisivo para os que buscavam aventuras. Os camponeses da Europa viviam na maior miséria, os comerciantes ambicionavam novos

mercados. Toda essa gente miserável morria pelos campos da Europa nas suas cidades sem luz, sem higiene, sem conforto, sem mantimentos. Precariedade que também afetava os barões feudais, homens bárbaros que a Idade

Média tornou ainda mais bárbaros. Ora, todos os que viviam morrendo encontraram nas Cruzadas a esperança de dias melhores. O grande êxito das expedições normandas na Sicília e na Inglaterra excitava as imaginações; de

igual modo, as riquezas fabulosas do Oriente dominavam a imaginação de todos.

Por outro lado, a Igreja tinha interesse em reduzir as guerras violentas entre os senhores na Europa. Os camponeses famintos

devastavam o continente. As Cruzadas apareciam como a única fórmula capaz de unir os homens em luta e desviar o seu ardor guerreiro, a sua ânsia de carnificina, tão própria do homem da Idade Média. E para poder levar

os homens à guerra, assim se exprimiu o Papa Urbano II, o grande papa da Cruzada:

A terra que habitais [...] é isenta de riquezas e apenas fornece o alimento aos que a cultivam.

É por isso que

massacrais uns

aos outros [...].[1]

Acalmai os vos-

sos ódios e tomai

o caminho do

Santo Sepulcro.

[1] [Quando convinha, o Papa entendia quais eram as verdadeiras causas!]

[...] *Os reinos da Ásia serão a vossa partilha!*[2]

[2] Grifos de Mário Ferreira dos Santos. Citado segundo a *Historia Hierosolymitana* de Roberto, o Monge. Disponível em inglês no site da Fordham University: <https://sourcebooks.fordham.edu/source/urban2-5vers.asp#robert> Acesso: outubro de 2020.

À pilhagem dos reinos maravilhosos da Ásia! Esse foi o grito que organizou as hordas, levantando as multidões! Das bocas humanas, ouviam-se os gritos: "Salvemos a Terra Santa da mão do infiel!" "Libertemos

o Santo Sepulcro!"
Mas, dentro de cada
um, uivava a ânsia da
conquista, da pilhagem
dos reinos asiáticos.
Não quero, amigo,
deixar de reconhecer
que muita gente houve
que seguiu para as
Cruzadas no intuito

exclusivo de cumprir
um dever para com
a fé. Mas as causas
que determinaram
as Cruzadas foram
predominantemente
econômicas, materiais;
essas causas levaram à
formação das grandes
massas humanas.

Foram motores
econômicos que deter-
minaram, precipitaram
esse acontecimento,
essa página de hero-
ísmos e de horrores,
de carnificina imensa,
em que as crueldades
bárbaras dos cristãos
mancharam para sempre

as páginas da história humana. Restou, porém, uma grande vantagem. As Cruzadas foram de grande benefício para o Ocidente, que, assim, pôde se civilizar um pouco. Graças aos "infiéis", os europeus convenceram-se de que

eram mais bárbaros do que os sarracenos; graças aos infiéis, aprenderam o que sabiam os árabes, conheceram novas necessidades e alargaram o horizonte dos seus conhecimentos. Sem o grande influxo árabe, nem mesmo o

Renascimento seria posteriormente ex-
plicável. Os europeus
conheceram, graças
aos "infiéis", o milho, a
cana de açúcar, o trigo
sarraceno, os veludos,
as musselinas, as armas
damasquinadas, o algo-
dão; graças aos infiéis,

aprenderam a tomar banho, coisa raríssima no Ocidente. As Cruzadas trouxeram benefícios sem conta para a Europa: uma grande evolução da sociedade feudal se processou.

Um grande número de nobres partiu para

a Terra Santa e não voltou mais. Muitas famílias feudais foram dizimadas e arruinadas. Muitos foram aqueles que compraram a sua liberdade, e muitas vilas e cidades começaram a se libertar. A burguesia começou a impor-se, e

o movimento comercial
que se seguiu deu-lhe
um grande impulso.
Bem vês que as
Cruzadas, o movimento
que tu julgavas ser
prova cabal de que os
grandes atos humanos
não são exclusiva-
mente orientados por

motores materiais, na verdade, esse movimento demonstra o contrário. Precisamente as Cruzadas possuem mais elementos materiais do que muitos outros. No fundo, poucos movimentos na história possuem uma

característica material
tão clara como no caso
das Cruzadas.

Aos Homens de Boa Vontade

A perplexidade
do homem moderno
aumenta a cada dia
ao verificar este fato

espantoso e paradoxal:
à proporção que surgem
escolas, que o conheci-
mento é mais difundido,
que se multiplicam os
campos de estudos,
somos, pelo contrário,
cada vez mais governa-
dos pelos piores, pelos
mais incompetentes.

Não há necessidade de delinear o quadro indigno da política moderna, nem as escusas manobras de partidos e de "homens públicos" nessa luta desenfreada, uns para alcançar o poder, outros para conservá-lo a todo transe.

A crise que sola-
pa os setores da vida
social não escolheu
pontos para atuar.
Em toda parte ela
se instala, desasso-
ciando, pervertendo,
disseminando des-
confianças e abrindo
campo à ascensão dos

mal-intencionados,
que, aproveitando-se
da confusão, exploram,
para seus interesses
pessoais ou de grupos,
as vastas camadas
populares, que não
sabem a quem apelar e
menos ainda em quem
depositar confiança.

No entanto, em todos os períodos e fases, em todos os ciclos culturais e em todas as eras, a história nos conta que o homem só conseguiu vencer suas deficiências, superar as necessidades, quando guiado e assistido pela

inteligência, pelo saber
e pela ciência.

Por isso mesmo,
hoje, isto é, numa
época em que a cultu-
ra herda tudo quanto
de maior e mais útil
ao homem foi cons-
truído através dos
milênios, em que se

toma consciência da complexidade que é o fato social, em que se compreende que a administração pública exige uma cooperação imensa de esforços, e que toda a inteligência e o saber se ponham a seu lado, como admitir

essa forma bárbara de
governo nas mãos dos
que estão menos cate-
gorizados para mister
de tal envergadura?

Os signatários des-
te Manifesto, cônscios
da responsabilidade
que cabe à inteligência
e ao saber, conclamam

a todos os homens,
de todos os misteres,
desde os mais modes-
tos aos mais altos, a
reunirem seus esfor-
ços, para que estudem
e elaborem um plano
de ação que realize
o ideal que nos deve
orientar:

A inteligência e o
saber a serviço do
bem público.

Organizemo-nos,
pois, em unidades
de estudos, unidades
ativas, que possam
contribuir à solução
dos problemas, dentro

de um espírito construtivo, sem falsos apelos aos ímpetos destrutivos. Apelamos aos homens de boa vontade para contribuírem para o bem social, num esforço que reúna a todos com a sua experiência e o seu saber, cada um

no seu setor, para a realização de uma obra eminentemente culta, como seja a de abandonar a barbárie da velha política de sórdidas manobras, a fim de realizar a construção científica da administração pública.

Procuremos organi-
zar-nos, entregando a
direção aos mais sábios.
Lembremo-nos de
que nunca na história
eles defraudaram os
povos. Os sábios sempre
lutaram pelo bem co-
mum. E eles nunca an-
daram no meio da rua

a caçar votos, nem a fazer promessas, porque um Louis Pasteur, um Albert Schweitzer, um Alexander Fleming, um Daniel Best, um Thomas Edison, entre tantos outros, não prometem, realizam, e cada um deles, sozinho, realizou

mais do que todos os políticos juntos.

Reúnam-se os homens de boa vontade, que trabalhem pelo bem comum, sem partidos, sem ideologias falsas, sem preconceitos, sem manobras escusas, pela cooperação do saber, da

inteligência e da expe-
riência humana, em prol
do bem social.

Os que desejam
uma humanidade mais
justa, que venham
conosco e tragam a sua
contribuição.

A Juventude à Procura de um Ideal

É muito comum notar-se a falta de ideal da juventude moderna.

Que esperam do porvir
os jovens que formam
a nova geração? Sim,
a nova geração, que é
sempre a esperança dos
velhos para a formação
dum mundo melhor.
Com o caos que
se formou durante a
guerra e no pós-guerra,

a falta de proteção e de felicidade, a incerteza em relação ao futuro, a destruição de todos os planos concebidos, em suma, esse caos resultou na desorganização que vemos imperar em todo o mundo, tanto nos países que tomaram parte

ativa na guerra como nos que não estiveram tão ligados a ela.

Não quero dizer com isto que nós, jovens, não temos um ideal, mas antes de tudo é necessário fazer uma diferença entre "ideal" e "aspiração". "Aspiração",

na verdadeira acepção
da palavra, é o desejo
veemente de alcançar
um bem, pretender um
título, honrarias, etc. Já
"ideal" tem uma signi-
ficação mais elevada,
mais nobre. Para muitos,
o ideal é o que só existe
no espírito, o que é

fantástico. Um conjunto abstrato de perfeições de que se faz somente uma pálida ideia, mas que não se pode alcançar completamente. Muitos pensam desse modo. Mas o ideal não está lá no alto, ele deve ser procurado e também

alcançado pelo homem.
E se assim for, será mais
uma vitória, e não uma
tentativa frustrada que
servirá de incentivo
para a procura de outro.
Quando se ouve um
jovem dizer: serei um
médico, um industrial
ou um engenheiro, eis

uma aspiração. Uma carreira a seguir, um futuro traçado, anos de estudo ou de espera, não são ainda um ideal! Pergunto, então: qual é a tua ajuda, o teu quinhão para a formação dum mundo como o nosso? Com esta situação, se

nem os adultos conseguem alguma coisa, que conseguiremos nós, os jovens? Mas, e se não formos nós, quem será então? Temos de compreender que, se fizermos alguma coisa em favor da felicidade humana, será um

acréscimo para a nossa
felicidade, para o nosso
proveito e bem, porque
não nos basta viver
a nossa própria vida,
é necessário reparti-la
com todos os nossos
semelhantes, isto é,
viver em comunhão,
e dar um pouco de

alegria e ajuda aos que necessitam.

Se temos uma aspiração, façamos o possível para alcançá-la, mas, se possuímos um ideal, façamos todos sabedores dele e procuremos realizá-lo, porque somente unidos os

jovens de hoje poderão ter um ideal universal: construir um mundo melhor!

Julgo que, para tanto, é fundamental uma atividade diferente. Tudo nos leva à mediocridade, pois a vida mecânica de hoje

colabora para fazer máquinas e não seres humanos.

Examinarei o que julgo fundamental para atingir essa superação humana, que todos nós, os seguidores de Zara-tustra, transformamos numa meta a atingir.

Um dos temas atuais mais importantes, e da maior significação, é o da vida da criança na sociedade. Poderíamos dizer até que este tema é uma síntese de todos os outros. Foi no contato e na vida em comum com os

seus semelhantes que
o homem conseguiu
vencer e sobrepujar os
outros animais, alcan-
çar o posto mais alto.
E isso pela luta que
suportou, pelos inven-
tos que criou, e pela
vida em comum que
lhe deu mais força, pois

sabemos que o homem é, na escala dos seres vertebrados, um dos mais fracos em proporção à série apresentada. E, portanto, em sociedade que vivemos a nossa existência. Esta se inicia com uma sociedade mais diminuta,

a família, onde inicial-
mente a criança recebe
os primeiros conheci-
mentos. A criança não
é desde logo um ser
à parte. Refere-se a si
mesma, insegura de
quem é, como se fosse
uma terceira pessoa. Ul-
trapassado este estágio,

a criança, com os conhecimentos adquiridos cada vez maiores, começa a formar a sua individualidade.

É nesse ponto, quando a criança já tem um conhecimento de si como um ser à parte, que a educação,

principalmente a moral,
é mais necessária,
porque aí ela já dispõe
de inibições para deixar
de fazer o que não é
conveniente.

No primeiro estágio,
os pais têm um papel
importante, mas não
tanto quanto neste em

que a criança já racio-
cina e tem pensamen-
tos próprios, embora
entremeados por suas
afeições ainda mal
esboçadas. Aqui, neste
ponto, é que verda-
deiramente se inicia a
grande influência para
a formação da criança.

Para uma boa educação, é imprescindível a boa educação dos pais. A dissolução da família, a exibição de atos pouco decentes, pondo em primeiro plano os aproveitadores, os que lucram em grandes negociatas, classificando como

heróis tipos de padrões
mais baixos, tudo isso
forma em redor da
criança uma atmosfera,
ou melhor, um meio
ambiente cuja influên-
cia é preponderante na
formação da criança.

Como queremos
seres que pensem por si

próprios, livres men-
talmente, que saibam
raciocinar e pensar, se
tal não lhes é propor-
cionado?

Há dominadores
porque há pessoas
sem iniciativa, sem
pensamentos próprios,
que seguem fielmente

àqueles e não os contradizem. É mais fácil conduzir homens sem personalidade, para quem a palavra do chefe ou do guia é lei. As grandes invenções foram criadas e as grandes iniciativas foram tomadas por

homens de personali-
dade.

A arte nasce do
mais pessoal, e é essa
a razão pela qual não
damos valor ao pintor
ou ao compositor
cuja obra é igual à
de outro. Todos os
grandes pintores foram

inovadores e pessoais.

Em todos os ramos do conhecimento, aparecem as inovações e o progresso que hoje pos-suímos, e continuamos a desenvolver. Devemos ter em mente que a educação da criança dará forma ao jovem e,

consequentemente, ao homem de amanhã.

Com a educação familiar, e em seguida a colegial, a criança tendo-as recebido bem, poderá lutar na sociedade para superá-la, para tirá-la do erro. Este é um ponto

discutido, e ouvimos dizer com frequência: "Ora, se eu continuo a levar esta vida decente, não vou adiante. Todos os meus colegas são diferentes, e por isso subiram, e têm hoje uma posição, sem preocupações e dificuldades".

É claro que esse
é um caminho mais
fácil, mas podemos
supor uma sociedade
onde todos sejam
aproveitadores e cada
um lute apenas por
si? Naturalmente, esse
seria o ideal de muitos,
mas, desta maneira,

desapareceriam os padrões de valores que predominaram nas épocas cultas, e teríamos como lema: "cada um por si". Alcançar o que se deseja pelos meios mais torpes: eis uma maneira de muitos conseguirem o que

desejam. Fazem tudo o que há de mais baixo e repugnante para alcançarem a meta almejada. Entretanto, não compreendem que desvirtualizam o que pretendiam realizar, porque o obtido afinal não é mais o que fora

desejado. É na própria formação que vamos construindo o objetivo. O fim pode ser um objetivo honesto, mas, se construído com meios baixos, ruirá por serem frágeis suas bases, como nos mostra a história.

É claro que esta dissertação para muitos será ingênua; os "inteligentes e astuciosos" não a considerarão.

A solução, na verdade, demorada, porém a mais forte, consistiria em ensinarmos as crianças a serem verdadeiros

seres humanos, com individualidade e personalidade próprias. E nosso dever moral também é o de mostrar os erros da sociedade, mostrar o que nos leva a esta marcha crescente para a proliferação dos padrões mais baixos, o

que ela já nos trouxe de ruim e deplorável e o que nos trará no futuro.

A formação da personalidade é lenta, mas assegurada e consolidada junto ao desenvolvimento físico, já tendo sido estudada por muitos psicólogos.

Entretanto, uma harmônica combinação entre as vontades e as inibições permite um desenvolvimento seguro da personalidade. Um estudo desse quilate, eu não o poderia fazer, entretanto algumas conclusões

práticas podem ser oferecidas.

A educação permite criar a maior soma de inibições. Além das inibições da vida familiar, temos ainda aquelas da vida social. Daí resultam desajustamentos perniciosos.

O que se deve desenvolver na criança não são as inibições, mas sim a *vontade*. Para evitar-se a realização de um desejo pernicioso, cria-se uma vontade útil, que sublime aquele desejo.

Um exemplo esclarecedor seria o seguinte:

Temos à roda de uma mesa várias crianças. A mesa está coberta de doces, e uma delas procura apossar-se da maior soma para si. Que fariam os pais? Repreenderiam a criança por ter manifestado tamanho egoísmo, até

mesmo com ameaças de castigo? Contudo, se, em vez desta repreensão e ameaça de castigo, os pais mostrassem à criança que ela daria uma demonstração de superioridade em ser generosa, em não querer todos os doces, obteriam

os mesmos resultados,
contribuindo, porém,
para uma perfeita edu-
cação moral do filho.
Aplique-se esta fórmula
educacional e moral não
só à vida do lar como
também na escola, e
estaremos contribuindo
para a realização de

uma humanidade
melhor.

Educação moral,
quer dizer, não *aparen-*
temente moral, de frases
feitas, mas pelo desen-
volvimento dos bons e
mais altos sentimentos.

Assim, quando seus
pais usarem ou fizerem

afirmações amorais, receberão uma lição dos filhos, que lhes dirão: "Papai, a sua opinião não fica bem a um homem decente. Demonstra covardia, ou falta de generosidade".

E quero crer, mesmo que seja um sonho, uma

ilusão de minha parte, que esses pais, pilhados pelos filhos nos atos indignos, sentirão eclodir em suas almas os bons e mais altos sentimentos, que as condições sociais e a vida em relação não permitiram que se desenvolvesse.

Nenhum pai ficaria indiferente a uma lição de dignidade que lhe desse um filho. E, embora possa parecer utópico para muitos, desejaria dizer que tais fatos já sucederam muitas vezes: não pou-cos filhos já ensinaram

o caminho do dever a
pais transviados.

Índice Analítico

Aspiração, 78
    definição de, 78
Burguesia, 53
Criança, 91
    formação da, 94
    na sociedade, 88

Cruzadas, 27, 49
Educação
moral, 116
definição de, 115
Família, 91
Futuro
incerteza em relação ao, 77
Homem
moderno, 57
perplexidade do, 57
Idade Média, 39

Ideal, 78
    definição de, 79
Juventude
    moderna, 75
Materialismo
    histórico, 27
Personalidade, 109
    formação da, 109
Política
    moderna, 59
Renascimento, 51

Segunda Guerra Mundial, 76
Sociedade
feudal, 52
Utopia, 119
Vida
mecânica, 86

Índice Onomástico

Best, Daniel, 71

Edison, Thomas, 71

Fleming, Alexander, 71

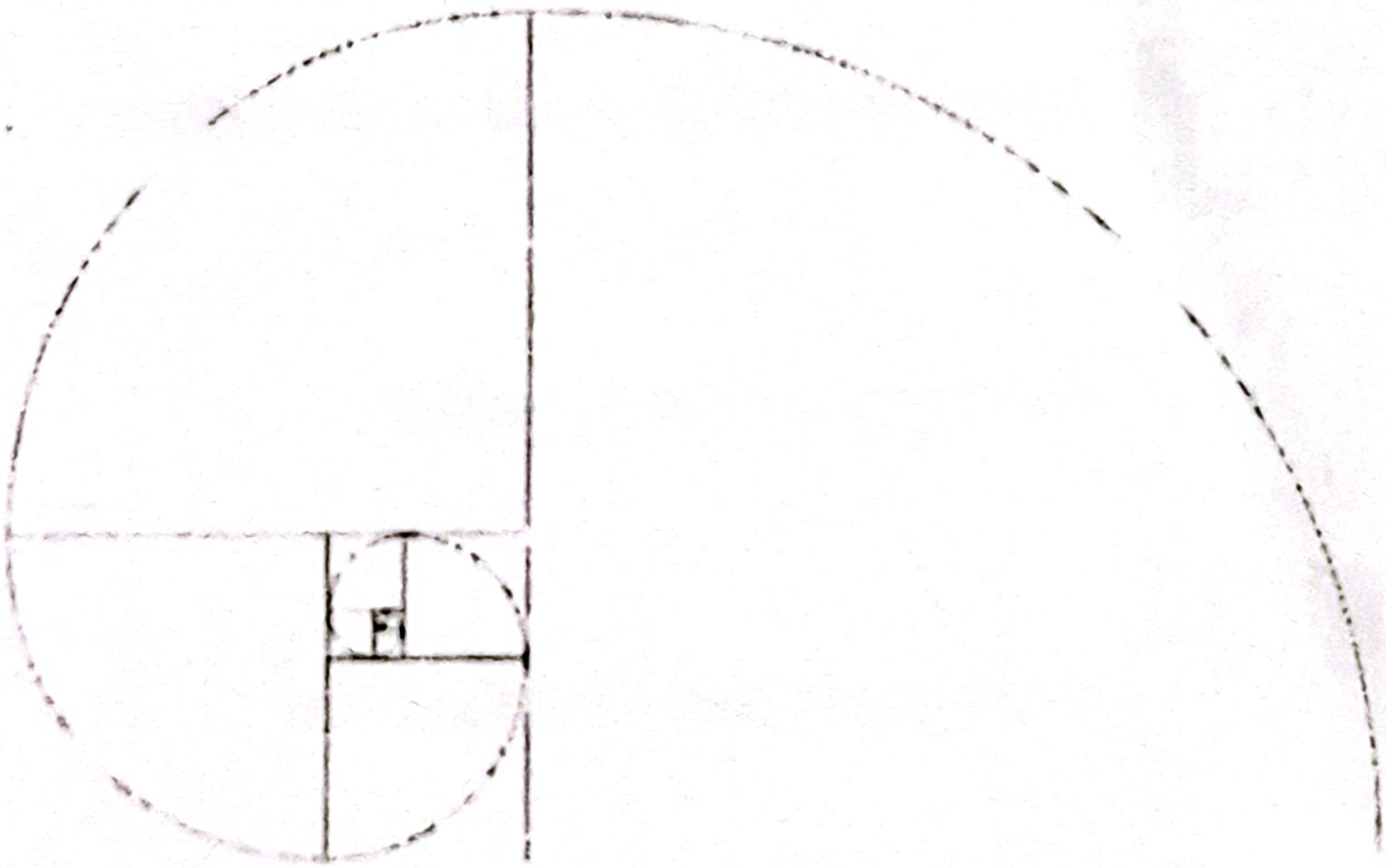
Pasteur, Louis, 71

Roberto, o Monge, 44

Schweitzer, Albert, 71

Stalin, Josef, 15

Urbano II, Papa, 42



A diagramação da
Coleção Inéditos foi baseada
no projeto gráfico desenvolvido
por Alexandre Wollner e
Sidney Caser para a Biblioteca
Mário Ferreira dos Santos

Os livros da Editora Filocalia são comercializados e distribuídos pela É Realizações.

facebook.com/erealizacoeseditora

twitter.com/erealizacoes

instagram.com/erealizacoes

youtube.com/editorae

issuu.com/editora_e

erealizacoes.com.br

atendimento@erealizacoes.com.br

Este livro contém os ensaios:

Diálogo sobre as Cruzadas

Aos Homens de Boa Vontade

A Juventude à Procura de um Ideal